Dia 13 — Santo Estanislau Kostka, Noviço da Companhia de Jesus

Martirológio Romano

São Diogo, confessor, da Ordem dos Menores; a festividade de seu ditoso trânsito celebrou-se ontem. (Veja-se sua vida entre as de amanhã.)

O martírio dos santos mártires Valentim, Solutor e Vítor, em Ravena; os quais padeceram imperando Diocleciano.

São Mitrio, esclarecidíssimo mártir, em Aix, na Gália Narbonense. (É o padroeiro principal de Aix, onde se celebra sua festa neste dia. São Gregório de Tours diz que Deus glorificou seu sepulcro com muitos milagres.)

Os santos mártires Antonino, Zebinas, Germano e Ennata, virgem, em Cesareia, na Palestina; a qual, no tempo de Galério Maximiano, primeiro foi açoitada e por último queimada; os outros, como repreendessem em alta voz a impiedade do presidente Firmiliano porque sacrificava aos deuses, foram degolados.

Os santos mártires Arcádio, Pascásio, Probo e Eutiquiano, espanhóis, na África; os quais, na perseguição dos vândalos, não querendo de modo algum consentir na blasfêmia de Ário, o rei Genserico, ariano, primeiro os encartou, depois os desterrou; e vieram a morrer por fim pela fé com diversos gêneros de atrocíssimos tormentos. Resplandeceu então também a fortaleza do menino Paulino ou Paulilo, irmão dos santos Pascásio e Eutiquiano; o qual, não podendo apartá-lo da fé católica, foi por muito tempo cruelmente açoitado com feixes de varas e logo condenado a servir como escravo nos mais vis ofícios. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Nicolau, papa, em Roma, sobressalente por sua constância apostólica. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Brício, bispo, em Tours, discípulo de São Martinho, bispo. (Foi natural de Tours e monge no tempo de São Martinho, cuja paciência exercitou com sua preguiça e sua soberba. Aquele Santo

predisse sua maravilhosa conversão e que seria sucessor seu na sé de Tours, tudo o que sucedeu no ano de 399. Por calúnias levantadas no povo contra ele foi lançado da cidade e viveu desterrado em Roma; mas sua santa paciência triunfou enfim da malícia e, restituído a sua sé, governou-a com santidade até sua morte, acaecida no ano de 444. Seu nome foi tido em veneração muito especial na França, como também na Inglaterra, e tem seu lugar ainda no calendário dos ingleses protestantes.)

Santo Eugênio, bispo, em Toledo. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

São Quinciano, bispo, em Clermont, na França.

São Homobono, confessor, em Cremona; ao qual, tendo resplandecido em milagres, canonizou Inocêncio III. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Santo Estanislau Kostka, Noviço da Companhia de Jesus

Foi Santo Estanislau de uma das mais antigas casas da Polônia. Logo que chegou à idade competente deram-lhe por aio e por mestre nos rudimentos da língua latina um jovem cavaleiro chamado João Bilinski. Mas, antecipando-se o Espírito Santo à vigilância do aio, muito de antemão havia dado a Estanislau as primeiras lições na ciência dos Santos. Logo que foi capaz de conhecer a Deus, sentiu-se inclinado a amá-lo; e dizia ele mesmo muitas vezes que o primeiro uso de sua razão foi oferecer-se e consagrar-se ao Senhor. Muito se devia esperar de uma alma que ao primeiro assomo da razão soube enternecer-se à vista da amabilidade de seu Deus e render-lhe desde logo amorosa vassalagem. Todos chamavam a Estanislau o Anjo, e na verdade este era seu caráter. Era em extremo formoso; mas se dizia de sua formosura o que Santo Ambrósio havia dito da beleza da santíssima Virgem, que inspirava castidade e que só sua vista dissipava as tentações impuras. Seu pudor era tão delicado que bastava para desmaiá-lo uma palavra algo mais livre que se dissesse em sua presença. O sumo amor que professava à pureza o obrigava a evitar com requintado cuidado tudo aquilo que podia ocasionar nela até a mais mínima mancha. Gostava de vestir simplesmente, aborrecia o jogo, fugia das conversações perigosas e o que mais contribuiu para a conservação de sua inocência foi o estar sempre ocupado no estudo ou na oração. Até a idade de catorze anos estudou em casa de seus pais e depois trataram estes de enviá-lo a algum colégio. Havia então em Viena da Áustria um célebre seminário dirigido pelos Jesuítas, fundado pelo imperador Fernando para a educação da juventude alemã, assim no santo temor de Deus como no estudo das letras humanas. Enviaram-no a ele seus pais em companhia de outro irmão seu, chamado Paulo. Não podia haver coisa mais oportuna para a virtuosa inclinação de Estanislau: em pouco tempo o admiraram todos como cabal modelo das mais perfeitas virtudes. Mas não podia durar muito uma vida tão sossegada. Raras vezes deixa o Senhor por longo tempo os Santos em repouso. Devendo estes conformar-se com a cabeça dos predestinados, que é Jesus Cristo, varão de dores, sempre lhes previne várias cruzes para que se assemelhem a ele por meio dos

trabalhos. Saiu Estanislau do seminário e viu-se obrigado a ficar de pousada em casa de um luterano, onde teve muito que padecer; porque, vendo Paulo de Kostka que a vida de Estanislau era muito contrária à sua e considerando-o como um incômodo censor, cujo regrado porte era uma muda repreensão de sua desordem, concebeu-lhe tanta aversão que começou a persegui-lo sem termo nem medida. Gostava muito de ruborizá-lo em todas as ocasiões: zombava de quanto fazia; tratava-o de tonto e de mentecapto; mas, como viu que nada disto bastava para que mudasse de passo e de fervor, enfureceu-se tanto contra ele que muitas vezes chegou a pôr-lhe as mãos com extremado rigor. Sofria Estanislau estes indignos tratamentos com a constância de um pequeno Mártir. Por mais que fizesse com ele, nem murmurava, nem se queixava, nem se alterava jamais a serena igualdade de seu semblante. Mas por fim estes maus-tratos de seu irmão, juntos à austeridade de sua penitente vida, lhe causaram uma enfermidade que o pôs às portas da morte. Saiu dela por favor particular da santíssima Virgem, que lhe deu a entender que havia de entrar na Companhia que se honra com o nome de seu Filho. Pediu ser recebido nela; mas achou-se com dificuldades que se opunham a seus intentos. Vendo o santo mancebo frustrados todos os demais meios que havia aplicado para conseguir o que desejava, resolveu tratar o negócio unicamente com Deus: pôs-se em oração, levantou os olhos ao céu e suplicou fervorosamente ao Senhor que lhe proporcionasse os meios de obedecer-lhe. No maior fervor desta oração sentiu-se fortemente movido a deixar Viena e a afastar-se mais de seu país, conhecendo bem que a vizinhança a ele seria sempre estorvo a seus piedosos intentos. Obedeceu à inspiração e saiu de Viena; ao sair despiu-se de seu vestido e o deu a um pobre; vestiu uma túnica de tela que levava prevenida; cingiu-se com uma corda, pendurando dela o rosário; tomou um bordão na mão e, neste traje de peregrino, encaminhou-se à cidade de Augsburgo, onde pensou encontrar o Padre provincial; mas, não o achando nela, partiu a Dillingen para avistar-se com ele, e entre estas duas cidades sucedeu o prodígio seguinte: querendo um dia comungar, entrou na igreja de uma aldeia que estava aberta e viu nela uns camponeses fazendo oração. Parecendo-lhe boa ocasião para ouvir missa e rezar suas devoções, pôs-se em oração como os outros; mas logo conheceu no modo com que se celebravam os ofícios que era um templo de Luteranos. Afligiu-se imponderavelmente vendo profanados nossos sagrados mistérios por aqueles ímpios ministros; e, como não pôde satisfazer aquele dia seus ansiosos desejos de receber a Jesus Cristo, chorou amargamente e se queixou com tão amorosa ternura a seu amado Dono que mereceu ser consolado; porque, enquanto lhe estava dando estas amorosas queixas, viu vir para si uma tropa de espíritos angélicos, e entre eles um que trazia em suas mãos o pão de vida e, aproximando-se de Estanislau com um ar cheio de majestade, deu-lhe a Comunhão, deixando-o em posse de Jesus Cristo. Achou Estanislau em Dillingen o Provincial, o qual o amou desde que o viu; e, sentindo-se movido a favorecer seus santos intentos, quis prová-lo. Descobriu nele tão raras prendas e tantos dons sobrenaturais que desde logo o considerou como um menino que enviava Deus a sua recém-nascida Religião para ser com o tempo uma de suas mais brilhantes tochas. Com este pensamento resolveu enviá-lo a Roma para desviá-lo mais de seus pais e tirar-lhes a vontade de retirá-lo, à vista das dificuldades, quando chegassem a entender que estava tão distante. Enviou-o, pois, a Roma e, logo que chegou, foi lançar-se aos pés do Padre geral, que o era então São Francisco de Borja. Abraçou-o o Santo ternamente e lhe disse estas palavras, que o encheram do maior consolo que experimentou em toda a sua vida: «Estanislau, eu te recebo e não te posso negar este gosto, porque tenho muitas provas de que Deus te quer em nossa Companhia.» Achou Estanislau no retiro uma espécie de celestiais doçuras que nunca havia provado. Aquele Deus que o havia retirado à solidão para falar-lhe ao coração derramou sobre ele tão abundante golpe de luz e tão copiosa inundação de

consolos interiores que o sujeito a quem designou o mestre de noviços para que o fosse instruindo nos primeiros exercícios dizia que estava confuso de que o tivessem obrigado a encarregar-se da direção de um de quem podia e devia aprender como discípulo. Mas quem poderá explicar a avenida de seu gozo quando lhe vestiram a batina e foi recebido entre os demais noviços? Estava tão preocupado, tão alegremente embebido na ideia de sua ventura, que não acertava a falar de outra coisa. Recebeu uma sentida carta de seu pai, cheia de desprezos e de ameaças: leu-a, chorou sua cegueira; mas não lhe fez a mais mínima impressão. Não cabia maior fervor que o de nosso santo noviço. Todas as suas ações respiravam não sei que fogo particular que as distinguia das dos outros, ainda que não fizesse precisamente senão o que faziam todos os demais. Imitava o mais perfeito que notava em cada um de seus irmãos: suas mortificações não tinham outro limite que o que lhes prescrevia a obediência. Esta era nele tão perfeita que o mestre de noviços dizia não lhe parecer possível sê-lo mais; guardava com exemplaríssima exatidão todas as regras e toda a ordem da observância regular. Sua humildade era profunda; sua doçura e amabilidade inexplicável: tudo respirava nele um caráter de gênio suavíssimo e dulcíssimo. Mas até onde chegava seu amor de Deus? Não amava Estanislau a Deus com só aquele amor de preferência em que consiste a essência da caridade; amava-o também com aquele amor de ternura que é efeito da caridade abrasada e acesa e se deixa sentir vivamente no coração. De tal maneira se havia apoderado dele aquele fogo divino que algumas vezes lhe era preciso tomar o ar para desafogar-se e não cair em deliquio. Quanto mais se aproximava esta vítima do divino amor da consumação do sacrifício, menos parece que a perdoava Deus. Explicava-se em lágrimas a ternura de seu amor; sempre tinha banhados os olhos nelas; e o cardeal Belarmino escreve em seu livro intitulado *O gemido da pomba* que as derramava a torrentes quando comunicava com o Senhor. Desta íntima união com seu Deus nascia aquela graça particular que tinha para tranquilizar as almas turbadas e aflitas. Confiavam-lhe alguns seus trabalhos interiores; e logo que Estanislau fazia oração por eles, experimentavam restituir-se a seus corações a calma e a serenidade. Seu zelo pelos interesses da Mãe de Deus foi superior a todo encarecimento. Movido de sua veemente paixão à glória desta soberana Rainha, fez estudo particular nos autores daquelas passagens mais sublimes e mais próprias para formar um elevado conceito de sua grandeza. Mas a vítima se ia cada dia consumindo. Ainda não contava dez meses de noviciado quando teve um interior pressentimento de que estava próxima sua morte. Explicou-se em termos bastantemente claros para que se conhecesse sua disposição; mas, atendendo à sua curta idade e à sua saúde, não se deu muito crédito ao que positivamente afirmava sobre seu próximo fim. Como Estanislau amava a Deus com todo o seu coração, não podia amar a vida que o separava dele e desejava a morte que o havia de unir para sempre com seu adorado Dono: por isto a estava continuamente pedindo, e ao cabo foi ouvida sua oração. Rendeu-o à cama uma febre; e este primeiro sinal que quis o Senhor dar a Estanislau de que haviam sido ouvidos seus desejos lhe causou uma alegria que se comunicou do coração ao semblante. Manteve-se a enfermidade por algum tempo numa certa espécie de consistência, sem agravar-se nem diminuir-se; mas por fim caiu num desfalecimento tal que já se começou a temer que fosse demasiadamente certo o que havia dito de sua morte. Voltou a si do desmaio e administraram-se-lhe a toda pressa os Sacramentos. Recebeu Estanislau o Viático e a Extrema-Unção com tanto gozo que não o pôde dissimular em meio de sua extrema debilidade, manifestando-o na fogosa vivacidade dos olhos e do semblante: nem o frio da morte que já começava a apoderar-se dele foi capaz de extinguir a viveza de seu amor. Perguntaram-lhe se estava muito resignado na vontade de Deus; e respondeu com admirável tranquilidade: «*Meu coração está pronto, meu Deus, meu coração está pronto.*»

Passou depois algum tempo regalando-se com seu Deus, tendo na mão uma imagem da santíssima Virgem e o rosário enrolado ao braço. Finalmente, deixando-se ver dele esta soberana Rainha, acompanhada de uma numerosa tropa de virgens, como o disse o mesmo Estanislau, entregou seu espírito nas mãos de sua querida Mãe, pouco mais das três da manhã, no dia 15 de agosto do ano de 1568, para o fim dos dezoito anos de sua idade e aos dez meses de noviciado. Foi tão extraordinário o concurso dos que assistiram a suas exéquias que mais parecia aparato de triunfo que de funerais, descobrindo-se no formoso semblante do cadáver como que um lampejo da glória de que gozava aquela alma ditosíssima. Em atenção a suas virtudes e milagres o canonizou e pôs no catálogo dos Santos o papa Bento XIII no último dia do ano de 1726. Bem podemos dizer agora com o Sábio que se fez perfeito em pouco tempo e que no curto número de anos que viveu se adiantou aos que lograram vida mais longa. Deu-se pressa Deus em retirá-lo deste lugar de miséria e de pecado porque lhe era agradável sua alma.

Santo Eugênio III, Arcebispo de Toledo

Santo Eugênio, terceiro deste nome na sé de Toledo, um dos mais brilhantes ornamentos da ordem episcopal, um dos mais zelosos prelados que têm brilhado na Igreja da Espanha e um dos homens mais sábios de seu século, nasceu na cidade de Toledo. Seus pais, distintíssimos naquela capital por seus honoríficos empregos, pela qualificada nobreza de seus ascendentes, mas muito mais por sua piedade, bem acreditada nas muitas piedosas obras que se deveram a seu religioso zelo, dedicaram-se com o maior esmero a criar o menino sobre o sólido princípio do santo temor de Deus, sem omitir diligência alguma que pudesse contribuir para sua melhor instrução. Mas, como o Espírito Santo havia derramado com mão liberalíssima muito particulares graças na ditosa alma de Eugênio, tiveram a complacência de ver nele cumprido quanto podiam apetecer seus desejos. Ainda que teve sua educação na corte, não o tingiu nem seu ar nem suas máximas. Preveniu-o o Senhor com suas doces bênçãos: deu-lhe um coração tão justo e uma inclinação tão reta que não foram capazes de pervertê-lo nem os atrativos mais brilhantes do século nem ainda os artifícios de que se vale para perder os jovens.

Aplicado Eugênio à carreira das letras, como se achava dotado de um engenho excelente, de uma eminente capacidade e de uma ambição singularíssima por adquirir sábios conhecimentos, fez admiráveis progressos nas ciências e não menores serviços na igreja real, pela qual se entende ordinariamente a de Toledo, a que foi designado desde seus mais ternos anos. Com efeito, sua grande sabedoria e a justificação de sua conduta lhe adquiriram a estima geral de todo o povo. Só ele vivia desgostoso de sua reputação e do aplauso comum; pois o desejo de atender unicamente ao importante negócio de sua eterna salvação tinha para Eugênio maior atrativo que todas as lisonjeiras esperanças e vantajosas proporções que o mundo oferecia a seu alto nascimento e a seus relevantes méritos. Esta consideração o fez mudar de estado e buscar outro onde pudesse chegar à perfeição que desejava. Para pôr em execução estas nobilíssimas ideias e evitar que alguém o impedisse, fugiu de sua casa com o maior sigilo e dirigiu-se a Saragoça, onde creu que

acharia muitos objetos de piedade capazes de fixar sua residência. Ali abraçou a profissão monástica no célebre mosteiro da Ordem de São Bento dedicado a Santa Engrácia e gloriosos companheiros, no qual de novo se aplicou a formar seu espírito sobre as máximas da perfeição evangélica, sendo todas as suas delícias a meditação e a leitura dos Livros sagrados e ascéticos. O exemplo de tantos ilustres Mártires, que faziam a maior glória àquele célebre povo, o arrebatavam frequentemente e o levavam a contemplar diante de seus túmulos os triunfos e as coroas que mereceram e, acendendo-se em vivíssimos desejos de imitar as virtudes que os dispuseram a receber tão recomendável ventura, nisto pensava com a maior fruição a maior parte do tempo.

Dedicado Eugênio ao culto divino e ao obséquio dos santos Mártires, sem deixar o estudo, que sempre foi o objeto de suas atenções, fez na piedade grandes progressos, nada inferiores nas disciplinas eclesiásticas. Sobre a estima geral do clero e povo conciliou a de São Braulio, bispo então de Saragoça, sob cujo magistério nosso Santo adiantou consideravelmente tanto em doutrina como em virtude. Elegeu-o por seu arcediago aquele célebre Prelado e confessava ingenuamente que no trato e familiaridade de Eugênio tinha todo o seu gozo e toda a sua complacência, expressando ademais que era o único consolo nos muitos trabalhos de suas apostólicas tarefas. Enfermou o santo Bispo à força de seus contínuos desvelos e carregou toda a solicitude pastoral da igreja de Saragoça sobre os ombros de Eugênio, o qual dispensou todos os deveres do ministério com tanta justificação e com tanta prudência que o mesmo São Braulio apenas encontrou elogios com que recomendar seu mérito nas cartas que escreveu ao rei Chindasvindo, acreditando-o assim, a maior abundamento, a fama de sua eminente virtude, não só em Saragoça e sua diocese, mas em todo o reino da Espanha.

Passou a melhor vida Eugênio II, arcebispo de Toledo, e imediatamente todo o clero e povo puseram os olhos em nosso Santo, sob o conceito de não haver pessoa mais digna para que ocupasse a sé primacial da nação. Só restava vencer sua resistência, pois por sua profunda humildade se confessava indigno de tão eminente emprego, ao passo que sentia com excessiva dor deixar seu amado retiro, centro de todas as suas complacências. Soube Chindasvindo a repugnância do eleito e a de São Braulio em desprender-se de tão útil ministro e despachou uma estreita ordem para que sem dilação se apresentasse em Toledo. Com quanto sentimento recebesse São Braulio aquele aviso pode-se colegir pelas cartas que escreveu ao Rei, nas quais protestou, clamou e chorou que não deixaria pedra por mover para que aquele Soberano desistisse de sua determinação, fazendo-lhe presente que Eugênio era o único consolo que lhe havia ficado em sua velhice e que a maior calamidade que podia suceder à igreja de Saragoça era a de sua ausência. Mas, preferindo Chindasvindo o bem da igreja de Toledo a todas as súplicas e lágrimas de São Braulio, repetiu como por direito pátrio a Eugênio, que foi recebido na cidade régia com universal aclamação, pois todos desejavam já com impaciência ver seu santo Pastor, glória e honra imortal de sua pátria. O defunto Eugênio II havia convocado os bispos da província para o concílio sétimo toledano e, achando-se estes em Toledo, imediatamente foi consagrado nosso Santo e foi um dos Padres que assistiram àquela assembleia.

Colocado Eugênio na primeira sé episcopal da Espanha, acreditou com provas práticas o alto conceito que de sua eminente virtude e de sua grande sabedoria haviam formado o clero e povo de Toledo; pois, ainda que era de uma compleição e temperamento sumamente delicado, elevando-o seu zelo verdadeiramente apostólico sobre as forças de sua natureza, cumpriu todos os

deveres de seu ofício pastoral com uma vigilância e com um fervor que o faziam parecer superior aos homens mais robustos. Não nos constam todos os seus louváveis feitos; mas pelos grandes elogios, ainda que com concisas palavras, de seus dois insignes discípulos Santo Ildefonso e São Julião, ambos arcebispos de Toledo, acredita-se que foi um modelo dos prelados perfeitos que exige o Apóstolo na Igreja de Jesus Cristo. «Sucedeu a um Eugênio outro Eugênio», escreve Santo Ildefonso: «sendo este esclarecido sacerdote da igreja real, afeiçoou-se à vida monástica, chegou com grande fervor a Saragoça, ali se dedicou aos sepulcros dos Mártires, professou e seguiu gloriosamente os estudos da sabedoria e o propósito de monge: dali com violenta e poderosa mão foi arrebatado e colocado sobre a cadeira episcopal, na qual passou uma vida mais cheia dos merecimentos da alma que de forças do corpo: era este delicado, escasso seu vigor, mas grande e alentado o de seu espírito, com que conseguiu a perfeição das letras e alcançou os costumes das virtudes.»

Como o objeto principal deste eminente Prelado foi sempre o culto divino, corrigiu vários abusos introduzidos nos ofícios eclesiásticos pelos mestres de capela;[^1] compôs outros de novo com o maior acerto; e não omitiu diligência alguma que pudesse contribuir para a reformação dos costumes de seu povo e para pôr na melhor ordem as ações eclesiásticas, distribuindo-as segundo a qualidade das pessoas, procedendo com tanto escrúpulo em ordem a estas que, sem embargo de sua grande sabedoria, consultou a São Braulio sobre as providências que devia tomar com certo prelado que entrou no ministério por meios menos dignos e com alguns diáconos que excederam os limites na administração dos Sacramentos.

O desejo de aproveitar à Igreja o fez celebrar vários concílios, que o foram o oitavo, nono e décimo toledanos, nos quais presidiu tanto pela autoridade de sua sé como por sua eminente sabedoria, acreditando-se esta e sua justificação nos cânones que se estabeleceram naquelas célebres assembleias.

Também escrevem alguns que, aproveitando-se o santo Prelado do zelo que manifestou pela fé católica o rei Recesvinto, a quem ungiu segundo o costume dos godos, empenhou toda a sua reputação na conversão sincera dos judeus da Espanha, os quais, ilustrados por seus contínuos catequismos e sábios discursos, representaram ao Rei com ingenuidade que, ainda que até então haviam aparentado professar a religião cristã em virtude do decreto de Quintila, haviam sustentado seu erro no interior, o qual abjuravam por força das instruções de Eugênio.

Não roubaram ao Santo tanto o tempo suas fadigas apostólicas que não lhe dessem tréguas para a contemplação, para outros exercícios santos e para o estudo das ciências, com o fim de que aproveitasse a muitos a ilustração de sua doutrina. Assim o acreditam as obras que compôs em verso e prosa, que podem ver-se na magnífica edição feita com a maior crítica pelo Emo. Sr. D. Francisco Antônio Lorenzana, arcebispo de Toledo, no ano 1782. Memorável entre elas a correção do poema do doutíssimo Draconcio, sob o título de *Hexameron*, sobre os seis dias primeiros da criação do mundo, suprindo o sétimo que faltava ao pleno daquele assunto com tal energia que parece que saiu mais formoso da mão do corretor que da do primeiro autor do pensamento. Também compôs um primoroso livro acerca da santíssima Trindade, o qual nos roubou o tempo, onde tratou o mistério com tanta delicadeza, com tanta clareza e com estilo tão superior que dele expressou Santo Isidoro que era digno de enviar-se à África e à Grécia, assinalando estas duas

províncias, ou bem porque nelas floresciam então varões eminentes, ou bem porque nas mesmas restavam ainda algumas relíquias da heresia ariana, contra cujo erro se dirigia o escrito principalmente.

Finalmente, carregado Eugênio de anos e merecimentos, morreu na morte dos Santos no dia 13 de novembro do ano 657, segundo o mais arrumado cálculo, depois de ter governado seu bispado, como um verdadeiro sucessor dos Apóstolos, por espaço de quase dez anos. Seu corpo foi sepultado na igreja de Santa Leocádia, e sobre seu túmulo se pôs o epitáfio que ele mesmo havia composto em oito versos heroicos, cujas letras iniciais formam seu nome, indicando as finais a miséria desta vida: prova nada equívoca de quão presente teve sempre a morte. Ao qual acrescentou outro elegante epitáfio seu sobrinho e sucessor Santo Ildefonso que, reduzidos a prosa seus versos, dizem: «Aqui jaz o venerável corpo do grande prelado Eugênio, o qual ilustra o templo de Santa Leocádia; foi monge e, quando mais fugia da sombra dos mortais, foi eleito pontífice do orbe de Toledo. Sua vida foi bem-aventurada, seus costumes puríssimos, sem mancha alguma. Êmulo de Isidoro e imitador de Leandro.»

Santo Arcádio e Companheiros, Mártires

Entre os ilustres Mártires de Jesus Cristo sacrificados ao furor dos vândalos assinala o Martirológio Romano a Santo Arcádio, Probo, Pascásio, Eutiquiano e Paulilo, a quem veneram por seus padroeiros a antiga vila de Medinaceli. Eram todos naturais da Espanha e oriundos, segundo nos dizem vários escritores, da cidade de Salamanca, e, se bem distinguidos por seu valor e por sua qualificada nobreza, o foram muito mais pela heroica constância com que se mantiveram firmes na fé católica. Arcádio e seus companheiros, como militares de profissão, seguiram o exército de Genserico, rei dos vândalos, quando passou este ímpio Príncipe, por persuasão de Aécio, com oitenta mil combatentes da Espanha à África contra o imperador Valentiniano, com o injusto desígnio de fazer-se dono daquela preciosa parte da Europa, que com efeito caiu em poder destas gentes ferozes, que à barbaridade de seu temperamento acrescentavam a ímpia profissão de arianismo; e, como Genserico era um dos mais acérrimos defensores da execrável heresia, logo que empunhou o cetro começou a perseguir os Católicos, fazendo que os bispos saíssem desterrados de suas igrejas e os nobres do país, depois de tê-los despojado de seus empregos e de seus bens.

Haviam servido Arcádio e seus companheiros a Genserico com aquela lealdade que lhes inspirava seu ilustre nascimento, acreditando tanto em tempo de guerra como de paz seu valor e sua exatidão em todas as expedições e encargos que se confiaram a seu cuidado, em virtude do que obtinham no palácio os empregos mais honoríficos, fazendo-se amar e respeitar pela regrada circunspecção de seus costumes e pela justificação de suas providências. Até o mesmo Genserico lhes manifestava sua grande estima em todas as ocasiões, agradecido da fidelidade e do honroso porte com que o serviam; mas, como tantos e tão distintos méritos não enchiam o coração do

bárbaro Príncipe, faltando-lhes a qualidade de ser arianos, empregou toda a sua autoridade para reduzi-los a que professassem a execrável maldade daquele monstro infernal que vomitou o abismo para romper a união do corpo místico da Igreja. Valeu-se Genserico para isso de quantos meios pôde sugerir-lhe sua obstinação, manifestando-lhes que lhe dariam o maior gosto em seguir seu partido, sob a segurança de que, acrescentando este novo mérito aos muitos que tinham contraído em seu serviço real, se fariam merecedores dos maiores empregos da república, com que os premiaria; mas, vendo que ao compasso de seu empenho crescia a firmeza nos ilustres Confessores da divindade de Jesus Cristo, apelou ao poder, ameaçando-os com os castigos mais enormes em caso de resistirem a sua vontade.

Não aterraram as conminações do bárbaro os ânimos dos esforçados militares de Jesus Cristo, ainda quando lhes constava as tiranias que sua impiedade executava com os Católicos; antes bem, revestidos daquele valor e daquela constância de que se formam os heróis do cristianismo, fizeram-lhe entender o horror com que olhavam a execrável blasfêmia da heresia ariana. Sentiu na alma Genserico ver desvanecidas suas intenções; e, querendo provar a constância dos ilustres Confessores, determinou castigá-los com sucessivas penas: porque o desejo que tinha de conservar-lhes as vidas, tão importantes a seu serviço, o moveu a dar-lhes tempo, crendo que à força de aflições mudariam de ditame. Despojou antes de tudo a Arcádio, Pascásio e Eutiquiano dos empregos que tinham em seu palácio, exceto ao menino Paulilo, e lhes confiscou os bens; mas, advertindo que a miserável constituição a que reduziu os nobres cavaleiros não só não alterou sua tranquilidade, mas lhes serviu de estímulo para que pregassem com novo alento a fé católica pelas ruas e pelas praças, mandou desterrá-los da cidade com ignomínia, e os ilustres Confessores saíram cheios de uma alegria extraordinária a cumprir a injusta providência do tirano, manifestando em todas as suas expressões e em todas as suas ações sua firme resolução de não render-se jamais à vontade daquele bárbaro Soberano. Desenganado este de que se cansava inutilmente em todas as suas tentativas, deu ordem para que os pusessem numa dura prisão, na qual lhes fez padecer imponderáveis tormentos que, ainda que não os especificam os escritores de suas atas, todos convêm em que foram atrocíssimos, em atenção ao caráter daquele Príncipe desumano, um dos mais cruéis que se têm conhecido nos séculos.

Soube o bispo da cidade de Constantina, na África (bem fosse Antonino ou Honorato, no que diferem os escritores), a constituição em que se achavam os nobilíssimos cavaleiros e, para alentá-los a que se mantivessem constantes na fé católica, dirigiu uma carta a Arcádio cheia daquelas sábias e zelosas expressões que cabem num prelado que intentava consolar os aflitos e animar os Católicos a que dessem provas de sua constância no lance mais crítico, como o exigiam as circunstâncias em que se achava a Igreja. «Vê, Arcádio», dizia-lhe entre outras coisas, «que te olha Jesus Cristo e está alegrando-se de tua firmeza: vê que se regozijam dela os Anjos e se oferecem em tua ajuda: vê que estão contigo os lucidíssimos coros dos Mártires que te precederam, os que te esperam, te defendem e te coroam: rogo-te que não permitas que outro receba a coroa que te espera, pois a Igreja católica te guarda como a um insigne mártir, para honrar-se contigo como com outro Estêvão.» Não necessitava Arcádio desta exortação para dar provas de sua fé; mas contudo apreciou a carta daquele zeloso Prelado; e, dando-a a ler a seus companheiros, acenderam-se todos em vivíssimos desejos de selar com seu sangue a infalível verdade do sacrossanto dogma, que era o ponto cardeal das renhidas controvérsias entre os ortodoxos e os hereges arianos.

Finalmente, irritado Genserico de ver o nenhum efeito que produziam seus esforços para render a seu partido os ilustres Confessores da divindade de Jesus Cristo, sentenciou-os a pena capital. Provaram os verdugos a constância de Arcádio, Probo, Pascásio e Eutiquiano com diferentes e inauditas crueldades, fazendo-lhes padecer requintados tormentos, até que à força deles lograram a apetecida coroa do martírio no dia 13 de novembro, cerca do ano 437.

Seguiu depois os passos dos ilustres Mártires o menino Paulilo ou Paulino, irmão de Pascásio e Eutiquiano, a quem amava em extremo Genserico por sua rara formosura e pela perspicácia de seu engenho. Pareceu ao tirano que lhe seria fácil reduzi-lo em atenção a seus ternos anos; mas, logo que lhe propôs que abraçasse a seita ariana, respondeu-lhe não como menino mas como um varão perfeito, detestando a execrável blasfêmia. Quis o tirano atraí-lo a seu partido com fingidos afagos e com oferecimentos vantajosos; mas, vendo que de nada aproveitavam suas tentativas, não podendo conter a indignação dentro do peito, mandou açoitá-lo com a maior crueldade com varas e com cordéis. Sofreu Paulino com um valor e com uma fortaleza excessiva a sua idade a desumanidade daquele castigo; mas, julgando o tirano que, se mandava tirar-lhe a vida, se diria que havia sido vencido por um menino contra seu real decoro, destinou-o à miserável constituição de escravo, para que servisse nos mais desprezíveis e penosos ministérios, persuadindo-se de que o tédio e a infâmia de semelhantes ofícios seria capaz de turbar a constância de seu entendimento; mas aquele cuja fé não pôde separar de seu coração a sevícia menos pôde impedir a vitória a máquina do tirano. Por último tolerou Paulino aquele prolongado gênero de martírio com invencível constância, até que, quebrantadas suas forças com os contínuos trabalhos, entregou sua ditosíssima alma nas mãos do Criador na mesma perseguição vandálica.

Os Cristãos recolheram os corpos de Arcádio, Probo, Pascásio, Eutiquiano e Paulino e lhes deram sepultura com a cautela que exigiam aquelas lamentáveis idades; e, trasladados no sucessivo à Espanha, depositaram-nos na igreja de São Romano da ilustre vila de Medinaceli, que os venera por seus padroeiros; onde se digna o Senhor obrar muitos prodígios pela intercessão de seus fidelíssimos servos, a quem se professa uma grande devoção assim na enunciada vila como nos povos circunvizinhos.

São Homobono, Mercador e Confessor

Todas as profissões seculares legítimas e lícitas deram ao céu infinidade de Santos, para que não tenham desculpa alguma os preguiçosos em qualquer estado. Na infância do mundo os homens eram por via de regra pastores e tratantes em gados e, antes que fizesse progressos a agricultura, viviam regularmente em tendas campestres portáteis ou movíveis e, logo que as produções da terra se esgotavam num terreno, iam a outro buscar seu sustento. As artes úteis eram então muito poucas e muito imperfeitas; o vestir simples e mediano, e as casas, refúgio tão necessário para os homens, nos princípios, ainda nos climas mais frios, eram fabricadas de lodo ou de ramagem; tendo-se em algum tempo por grande progresso na arquitetura ter construído casas de madeiros

fortes, ainda que não polidos, dispondo-os de modo que formassem parede. A indústria, a conveniência e o luxo têm descoberto e aperfeiçoado as artes no mundo, cujos progressos manifestam contra os modernos deístas que não excedem da idade que lhes assinala a sagrada história de Moisés. O comércio em sua origem não foi mais que um câmbio ou permuta de uma espécie por outra; mas desde a invenção da moeda, que equivale a todo gênero de coisas, fez-se o trato e comércio tão importante na república do mundo como a agricultura mesma; e se tem reputado com razão fonte da riqueza, força, coluna e ornamento de uma nação: ainda que o cultivo da terra, que oferece uma mina das entranhas mesmas dela sem outra permuta e com que subsiste todo o gênero humano, merece sempre a primeira consideração nos olhos do público, recebe o fomento de suas mãos e, longe de permitir que se vilipendie sua profissão, a honra e a favorece com franquias e benefícios. O comércio tem-se olhado muitas vezes, e ainda por via de regra, como uma ocasião próxima do demasiado apego às coisas do mundo ou de um desejo imoderado de ganância assim como de mentiras, de fraudes e de injustiças. Que estes são vícios do homem e não defeitos da profissão mostrar-se-á claramente pelo exemplo deste e de outros muitos Santos.

Homobono foi filho de um mercador de Cremona, na Lombardia, que no Batismo lhe deu este nome, que significa homem bom, sendo o de sua família Tucenge. Enquanto o educava em seus mesmos negócios e exercício mercantil, sem dar-lhe escola alguma de outra espécie, inspirava-lhe com seu exemplo e instruções os sentimentos mais perfeitos de probidade, integridade, religião e virtude. Desde sua infância concebeu o Santo um aborrecimento grande à mais leve sombra de injustiça e de fraude e, com o temor de Deus sempre diante, teria querido antes perder as maiores vantagens e até permitir a perda de todo o seu cabedal que macular sua alma com o pecado mais leve. Esta regra é indispensável principalmente a todo o que esteja ocupado no tráfico ou comércio, como que nele até os menos avaros incorrem com a ocasião em mil defeitos mortais, que com facilidade lhes disfarça a cobiça, se não estão sempre muito sobre si e sumamente vigilantes sobre seus sentidos. Um homem que está contente e disposto sempre a sofrer qualquer perda ou contratempo, e até a ruína de seus interesses temporais, antes que incorrer numa mentira ou em outro qualquer modo de ofensa voluntária de Deus, faz de si mesmo um sacrifício constante de obediência nesta disposição de sua alma e se assegura para sempre uma eterna paz: porque um espírito que encontra todo o seu consolo e alegria na graça e no amor divino e nos bens da eternidade está muito longe e muito a coberto da ansiedade e das turbações que ocasionam os perecíveis bens desta vida, especialmente se se sacrificam em seu uso à Religião. Mas a probidade ainda no mundo merece às vezes muitos sucessos felizes temporais: porque, ainda que se verifique que um saia ganancioso em certas ocasiões com a injustiça e a fraude, é sempre uma máxima indubitável que a honestidade é a melhor política e que um homem por nenhum meio ganha tanto em seus negócios como por uma integridade imutável e uma veracidade indefectível mediante a graça de Deus, ganhando um homem deste modo uma reputação a mais apreciável, que é o tesouro da maior fortuna. Isto o experimentou São Homobono num sucesso inesperado em seu comércio, cujo aumento foi também devido, depois da bênção de Deus, a sua economia, cuidado e indústria. Olhava seu tráfico como destino dado por Deus e o seguia com diligência, sendo seu objeto a obediência às divinas leis e à justiça que se devia a si mesmo, a sua família e à república, de que devia ser em consciência um membro útil e frutuoso. Se os livros do comerciante não se guardam bem, se não se observa ordem e regularidade em todo o manejo de seu trato, se não se aplica à contínua atenção daquele destino, menospreza aquela obrigação essencial e

também será indigno de levar o nome de Cristo. Homobono é santo porque com o objeto da virtude e da Religião desempenhou todas as obrigações de seu estado.

Por conselho de seus pais tomou por mulher uma virgem virtuosa, que assistia com muita vigilância e fidelidade ao governo daquela casa e família, cuja conduta, como a de todas as pessoas que a compunham, respirava santidade e atenção ao serviço do dono comum. Aquelas paixões que, por parecer pequenas, costumam desprezar-se tanto em outros estados e modos de vida como neste, costumam ser a escravidão mais insuportável e causas de maiores misérias e tribulações. Quantos, em lugar de regozijar-se, entristecem-se da prosperidade de outros tratantes e descobrem suas faltas com um rancor que todo o que os ouve não pode deixar de atribuir a inveja e falta de caridade? Quantos pretendem elevar suas famílias por meio de iniquidades e sórdidos tratos? Quantos não estão abismados numa paixão imoderada de riquezas? Porque, ainda que a opulência seja dom de Deus, nem deve cobiçar-se nem abusar-se tampouco dela; porque estar sempre sedento de riquezas é um pecado gravíssimo e mortal. Esta só coisa é toda a filosofia de um tratante, o ponto de mais importância na vida comercial; todo o forte deste negócio deve ser domar o luxo ou paixão desordenada por riquezas, arrumar com moderação o desejo delas e estar em todo lance resignados e tranquilos, desejando que se cumpra a vontade de Deus, que conhece melhor que nós nossos interesses. Quanto ao pretexto de que é necessário deixar para os filhos, não há dúvida de que é ponto de justiça um cuidado prudente por eles; mas em todo caso e contratempo devemos considerar que a melhor herança é a bênção e a graça de Deus; e que às vezes o melhor patrimônio que se lhes deixa é a instrução e a educação em indústria e em virtude, para que se vejam na precisão de buscar com suas fadigas e ocupação o cabedal que de outro modo costuma servir-lhes de dissipação e ruína. A ambição, a vaidade e a soberba são também uns vícios muito comuns nesta profissão, os quais devem rechaçar-se com a modéstia, a moderação e a simplicidade. Tudo o que é excessivo em vestido, aparato e casa é um dispêndio afetado e pecaminoso; por conseguinte ofensivo a outros e até penoso para eles mesmos. Um homem de baixa estatura só poderá parecer alto violentando-se sobre as pontas dos pés: nada, pois, que não seja natural pode ser cômodo. O comerciante é a honra e o apoio da sociedade; mas um aparato ostentoso é o que menos conforme parece a seu caráter e o que menos pode contribuir para a felicidade de seu estado. Esta vaidade costuma manifestar-se ou na extravagância dos gastos e na afetada negligência em seu tráfico, ou bem em empenhar-se em projetos extraordinários e sumamente azarosos, que às vezes vêm a parar num claro latrocínio, na injustiça da ganância ou em alguma fraude cometida contra uma viúva, uns órfãos, uns amigos ou parentes próximos que puseram a seu cuidado seus cabedais. A negligência e o amor à diversão e aos prazeres distrativos num homem de tráfico são crimes de muita enormidade. A moderação cristã e o governo das paixões são o baluarte da alma contra estes perigos, juntas com a prudência consumada. Com aquelas virtudes evitou São Homobono os comuns rochedos em que dão tantos tratantes intrépidos e altivos. Com sua profissão mesma, além disso, chegou a tocar aquele grande fim que todo cristão deve propor-se em suas ações, que é a santificação de sua alma; para o que neste estado achou oportunidade bastante de exercitar todas as virtudes num grau heroico. Com admirável paciência sofreu o capricho, a sem-razão, a injustiça e a arrogância de muitos com quem tinha que tratar e, com seu paciente silêncio, suaves respostas ou voltando favores por injúrias, venceu sempre a arrogância e a malícia e ficou sempre dono de sua alma. Tão admirável chegou a ser esta graça nele que se dizia comumente em Cremona que havia nascido sem paixões.

A caridade com o pobre é uma parte distintiva do caráter de todo discípulo de Cristo e faz que tenha lugar a justiça, tributo que os mercadores devem a Deus de suas ganâncias; e esta sem dúvida foi a virtude favorita de Homobono. Não contente com dar seus dízimos aos miseráveis membros de Cristo, depois da morte de seu pai (de quem herdou um cabedal exorbitante no comércio, além de uma casa na cidade e uma pequena aldeia no campo) pareceu não querer pôr limites a suas esmolas: buscava os pobres em seus covis e, enquanto com a maior ternura aliviava suas necessidades corporais, exortava-os amavelmente ao arrependimento e santidade de vida. Queixava-se muitas vezes sua mulher de que com suas excessivas esmolas havia de reduzir muito logo sua família à mendicidade; mas ele lhe respondia mansamente que dar esmola ao pobre era pôr dinheiro a grande juro, como um cento por um, a cujo pagamento se havia obrigado o mesmo Jesus Cristo. Assegura-nos o autor de sua vida que Deus recompensou suas caridades com os milagres que obrou às vezes naqueles a quem ele remediava e aumentando consideravelmente seus armazéns. Sua abstinência e sua temperança não eram menos admiráveis que suas esmolas. Sua continuidade na oração condena as falsas máximas daqueles que põem por pretexto de sua desídia os negócios de seu tráfico, fazendo incompatível a vida de comércio com a de oração. Neste santo exercício gastava Homobono muita parte de seu tempo e unia a oração com seus mesmos negócios por meio de frequentes aspirações com que elevava sua mente a Deus com sentimentos de compunção, de divino louvor e amor, no meio do cúmulo distrativo de seus tratos, de modo que a loja, o retrete, a rua e todo lugar era para ele a propósito para a oração. Tinha costume de ir todas as noites à igreja de São Gil e assistir às matinas, como o faziam naquele tempo muitos leigos; e não deixava a igreja até que ouvia missa pela manhã. Neste sacrifício era tal o exemplo de seu fervor e recolhimento que inspirava os mesmos sentimentos aos que com ele a ouviam. Algumas vezes esperava a que o sacerdote começasse a missa, prostrado diante de um Crucifixo no mesmo pavimento. O desidioso era movido à virtude, e muitos pecadores se convertiam de seus vícios com o exemplo de sua vida e a unção de seus discursos. Os domingos e dias de festa os consagrava inteiros a suas devoções: a oração acompanhava todas as suas ações, e neste mesmo exercício foi em que deu sua alma a seu Criador. Porque, em 13 de novembro do ano de 1197, tendo assistido às matinas como acostumava, ficou de joelhos diante de um Crucifixo até que se começasse a missa: ao *Gloria in excelsis* estendeu seus braços em figura de cruz e a pouco tempo caiu de cara no chão; cuja ação os que o olhavam a creram de mera devoção. Mas, quando viram que não se levantava ao Evangelho, foram ver sua causa e, aproximando-se dele algumas pessoas, conheceram que havia expirado. Sicardo, bispo de Cremona, depois de um rigoroso escrutínio de suas virtudes e milagres, passou a Roma com outras pessoas veneráveis a solicitar sua canonização, que formou o papa Inocêncio III depois dos necessários exames, e publicou a bula no ano de 1199. O corpo do Santo foi tirado no de 1356 e trasladado à catedral, mas sua cabeça permanece na igreja de São Gil. (Butler.)

São Nicolau I, Papa e Confessor

O papa São Nicolau, o primeiro de seu nome, chamado o Grande pelas vitórias que (segundo o vaticínio de seu nome, que se interpreta vencedor) logrou em reprimir os perturbadores da paz da Igreja, sucedeu a Bento III e era diácono da Igreja de Roma, sua pátria, quando subiu à Sé

pontifícia no dia 24 de abril do ano 858, sendo consagrado no mesmo dia na igreja de São Pedro, estando presente o imperador Luís II. Em 860 enviou legados a Constantinopla para examinar a causa de Santo Inácio e pronunciou anátemas contra Fócio, homem artificioso e soberbo, autor do deplorável cisma que ainda divide as Igrejas latina e grega. Nicolau resistiu também a diferentes príncipes; e entre outros dos muitos atos que deu de firmeza é digno de notar-se aquele em que obrigou o imperador Lotário a que se separasse de Valdrada, sua concubina, depois de anular os decretos dos dois concílios que haviam aprovado o divórcio do dito Príncipe com Teutberga, sua esposa. A paterna solicitude do Pontífice pela propagação da fé deu por resultado a conversão de Bógoris, rei dos búlgaros, o qual, por motivo de uma fome que afligia seus Estados, e da qual se livrou a si e a seus povos invocando o Deus dos Cristãos, em 865 abraçou a religião cristã com grande parte de sua nação. No ano seguinte enviou este Rei seu próprio filho e muitos senhores principais de sua corte a Roma, com oferendas para São Pedro e com o encargo de pedir ao Sumo Pontífice bispos e sacerdotes, consultando-o ao mesmo tempo acerca de cento e seis questões que tinham relação com o culto e com os costumes, às quais contestou o Pontífice com outros tantos artigos que são célebres na história da disciplina eclesiástica. Pelo mesmo tempo mandou Nicolau três legados a Constantinopla, mas, tendo sido indignamente maltratados ao chegar às fronteiras do império, viram-se obrigados a voltar a Roma. Em 867 o heresiarca Fócio juntou um conciliábulo em Constantinopla, no qual se pronunciou sentença de deposição contra o papa Nicolau e de excomunhão contra todos os que comunicavam com ele, e se declarou que a trasladação do império romano ao Oriente levou consigo a cátedra pontifical de São Pedro, dando a primazia sobre toda a Igreja a Constantinopla, nova Roma. Afligido o coração do Pontífice por aqueles excessos que turbavam a paz, escreveu então aos bispos da França, que se achavam reunidos no concílio de Troyes, uma carta cheia de unção e de caridade, na qual lhes dava conta do estado das coisas e acabava exortando-os a trabalhar com todas as suas forças para reconquistar a unidade que os díscolos haviam rompido. Pouco depois deste sucesso, afligido pelos males da Igreja e em meio dos trabalhos importantes que havia empreendido para aliviá-los, Nicolau acabou santamente seus dias, morrendo no dia 13 de novembro do ano 867, depois de um glorioso pontificado. O mundo cristão chorou a perda deste Pontífice com mostras de sensível dor; e especialmente foi chorada em Roma, onde sustentava diariamente e sem exceção a todos os pobres que não podiam proporcionar-se o sustento. A Igreja o colocou com toda solenidade no número dos Santos; e seus contemporâneos lhe deram o título de Grande, título que a posteridade tem confirmado, pois com efeito foi um dos mais insignes e virtuosos Pontífices que têm ocupado a cadeira de São Pedro. Olharam-no em todo o orbe cristão como um Papa posto pela Providência naqueles tempos borrascosos para opor-lhe como um muro de bronze ao escândalo dos príncipes incontinentes e aos atentados do cisma e da intrusão. Restam ainda sobre cem cartas e instruções deste Pontífice, ainda que escreveu muitas mais pelas diferentes consultas que de todas as partes lhe faziam; e suas respostas, cheias daquela clareza e precisão que os maiores inimigos da Igreja não têm podido deixar de admirar nos romanos Pontífices, foram recebidas como oráculos. (Bérault-Bercastel.)

Missa (oração)

A missa (para o comum da Igreja) é do comum de confessor não pontífice, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Adesto, Domine, supplicationibus nostris, quas in beati Stanislai, confessoris tui, solemnitate deferimus: ut qui nostræ justitiæ fiduciam non habemus, ejus qui tibi placuit precibus adjuvemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ouvi, Senhor, favoravelmente as humildes súplicas que vos dirigimos na solenidade de vosso bem-aventurado confessor Estanislau, para que os que não podemos confiar em nossa justiça sejamos amparados com a proteção daquele que teve a ventura de agradar-vos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 3 de São Paulo aos Filipenses (o impresso traz «capítulo II»).

Filipenses 3,7-12

> **Latim:** 7 Sed quæ mihi fuerunt lucra, hæc arbitratus sum propter Christum detrimenta. 8 Verumtamen existimo omnia detrimentum esse propter eminentem scientiam Jesu Christi Domini mei : propter quem omnia detrimentum feci, et arbitror ut stercora, ut Christum lucrifaciam, 9 et inveniar in illo non habens meam justitiam, quæ ex lege est, sed illam, quæ ex fide est Christi Jesu : quæ ex Deo est justitia in fide, 10 ad cognoscendum illum, et virtutem resurrectionis ejus, et societatem passionum illius : configuratus morti ejus : 11 si quo modo occurram ad resurrectionem, quæ est ex mortuis : 12 non quod jam acceperim, aut jam perfectus sim : sequor autem, si quomodo comprehendam in quo et comprehensus sum a Christo Jesu.

Português: 7 Porém as cousas que me forão lucro, as reputei como perdas por Christo. 8 E na verdade tudo tenho por perda, pelo eminente conhecimento de Jesu Christo meu Senhor: pelo qual tudo tenho perdido, e o avalio por esterco, com tanto que ganhe a Christo, 9 e que seja achado nelle, não tendo a minha justiça, que vem da lei, senão aquella que nasce da fé em Jesu Christo: a justiça que vem de Deos pela fé, 10 para conhecello a elle, e a virtude da sua resurreição, e a communicação das suas afflições: tendo-me conformado a elle na sua morte: 11 por ver se de alguna maneira posso chegar a resurreição, que he dos mortos. 12 Não que a tenha eu já alcançado, ou que seja já perfeito : mas eu prosigo, para ver se de algum modo poderei alcançar

aquillo para o que eu tambem fui tomado por Jesu Christo.

Reflexões

Tudo o reputo por esterco para ganhar a Jesus Cristo. Assim fala, e não sabe falar de outra maneira, um bom entendimento, um bom juízo, um homem iluminado com as luzes da fé, de coração são e de costumes puros. A mesma razão natural autoriza este modo de discorrer. Bens, honras, gostos e passatempos do mundo, que valeis todos vós em comparação da eterna bem-aventurança e do manancial inesgotável de todos os bens, que é o mesmo Deus? Que conveniência, que proporção há nem pode haver entre todos os bens que pode prometer o mundo e Jesus Cristo, princípio, autor e repartidor de todo bem? Bom Deus! Será possível que eternamente nos hajamos de deixar encantar, aturdir e deslumbrar pelo vão som de palavras magníficas e grandes que, reduzidas a seu justo valor, só significam uns bens fantásticos ou imaginários? Com efeito, quando houve no mundo bens reais, verdadeiros e permanentes? Podem acaso achar-se jamais nele bens alguns que encham o coração, que o saciem, nem que façam o homem verdadeiramente feliz? Dizei-me, opulentíssimas riquezas, empregos brilhantes, honras sobressalentes, títulos pomposos, nascimento esclarecido, enganosos passatempos, fortuna fugaz e deslumbradora: que sois em suma aos olhos de Deus? Que sois aos olhos mesmos desse infeliz afortunado quando está para morrer? Nuvens revestidas de luz, mas sem água, que um sopro de vento as agita pelo ar; fumo que engana a quem corre atrás dele e se dissipa ao passo que se eleva. Quando fez feliz a um homem aquilo que irrita o orgulho e a concupiscência, aquilo que lisonjeia os sentidos e o amor-próprio? *Vaidade de vaidades, e tudo vaidade*, exclama o homem mais rico, o mais poderoso, o mais feliz que viu jamais o mundo, depois de uma longa e tranquila experiência de tudo quanto este é capaz de prometer. Contudo, este vão conceito de felicidade que os homens se lisonjeiam lograr na posse das honras e dos bens da terra é um conceito errado de que ninguém pode, ou digamo-lo melhor, de que ninguém se quer desenganar. Todos os bens, todas as honras, todos os gostos do mundo não têm outra coisa boa que o sacrifício que se faz deles. Sua posse é um manancial inesgotável de cuidados que fatigam, de inquietações que desvelam e de remorsos que punçam. O monarca mais poderoso nasce pobre e desnudo no que toca a sua pessoa; e, ainda que seja dono de todo o universo, ainda que reine pelo mais dilatado espaço de tempo que seja possível, ao cabo é preciso que morra como o mais vil de todos os seus vassalos. Oh, e quanta verdade é que somente os Santos são os verdadeiros sábios e que a verdadeira sabedoria consiste em reputar todas as coisas por lixo, por dignas do maior desprezo, para ganhar a Jesus Cristo, única fonte de toda felicidade e de todo bem!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas.

Lucas 12,32-34

> **Latim:** 32 Nolite timere pusillus grex, quia complacuit Patri vestro dare vobis regnum. 33 Vendite quæ possidetis, et date eleemosynam. Facite vobis sacculos, qui non veterascunt, thesaurum non deficientem in cælis : quo fur non appropriat, neque tinea corrumpit. 34 Ubi enim thesaurus vester est, ibi et cor vestrum erit.

Português: 32 Não temais, ó pequenino rebanho, pois que foi do agrado de vosso Pai dar-vos o seu reino. 33 Vendei o que possuis, e dai-o em esmolas. Provei-vos de bolsas, que se não gastão com o tempo, ajun- tai nos ceos hum thesouro, que não acaba: aonde não chega o ladrão, e ao qual não rée a traça. 34 Porque onde está o vosso the- souro, ahi estará tambem o vosso coração.

Meditação

Sobre três devotas máximas muito familiares a nosso santo noviço

> 1ª. *Non sum natus præsentibus, sed futuris.* — Não nasci para as coisas presentes, mas para as futuras.
>
> 2ª. *Melius est cum obedientia parva facere, quam per propriam voluntatem magna præstare.* — Melhor é fazer coisas pequenas por obediência que empregar-se em coisas grandes por sua própria vontade.
>
> 3ª. *Mater Dei est mater mea.* — A Mãe de Deus é minha mãe.

Primeiro ponto

Considera que tudo quanto há nos prega esta verdade: *Não nasci para as coisas presentes, mas para as futuras.* O caduco, o vão, o insubstancial e o nada dos bens, das honras, de tudo aquilo que nos encanta na terra; a fé, a razão, a brevidade da vida, tudo nos está dizendo que nos lançou Deus a este mundo para um fim mais nobre, mais excelente que tudo o criado. Nascemos, por assim dizer, com este fundo de religião. Conhecemos, sentimos, apalpamos que nenhuma criatura nos pode fazer ditosos e que só Deus é nosso último fim. Não pôde Deus criar-nos para outro que para ele. Qualquer outro fim seria incapaz de encher-nos. Sobre este ponto não temos mais que consultar a nosso próprio coração. Desde que começou a viver, diz e dirá por toda a eternidade: *Fecisti nos, Domine, ad te; et inquietum est cor nostrum donec requiescat in te.* Para só Deus fui criado e estarei inquieto, faminto e sedento até que me encha de meu Deus, até que descanse nele. Esta verdade, este pensamento fez que o bem-aventurado Estanislau olhasse com desgosto e com desprezo tudo aquilo que mais nos lisonjeia no mundo. Berço ilustre, opulência enganosa,

honras inseparáveis de sua nobreza, esperanças tão bem fundadas em seu nome, em suas prendas pessoais, na brilhantez de seu entendimento, em sua natural amabilidade, no favor dos grandes e em todos os atrativos de sua amabilíssima pessoa. À idade de quinze anos, quando o mundo apresenta à imaginação e ao coração o mais tentador, o mais lisonjeiro que tem; quando se aparentam tão floridas suas entradas, Estanislau descobre debaixo daquelas enganosas aparências a insubstancialidade, a vaidade de tudo o que lisonjeia as paixões e os sentidos; e, não encontrando verdadeiro bem, honra cheia e real, prazer puro e requintado que encha o coração senão no serviço de Deus, deixa seu país como outro Abraão, deixa o mais estimado, o mais lisonjeiro, tudo o que mais pode tentar um terno coração, por possuir a Jesus Cristo, em quem acha um cêntuplo, e não se enganou. Nem quem dirá que desacertou em menosprezar todas as grandezas, todas as esperanças que podia prometer-se, preferindo os opróbrios, a cruz e os abatimentos da Religião a todos os atrativos do mundo? Mas nós não fomos também criados para o céu como ele? Pois por que nos pegaremos tanto à terra? Por que não arrancaremos de nós, a exemplo deste Santo, todo o terrestre que sentimos em nossos corações?

Segundo ponto

Considera que não há caminho mais seguro, mais direito nem mais breve para chegar a uma eminente perfeição que o da obediência. Não nos elevam a uma superior santidade nem os grandes trabalhos, nem as ações ruidosas, nem os raros talentos, nem aquelas heroicidades que se aproximam do maravilhoso. Quantos Santos há em cujas vidas não se nota coisa que pareça muito singular ou muito extraordinária? Bom exemplo é disto o mesmo Santo Estanislau, e é um exemplo que nos dá uma lição muito importante. Um menino de dezesseis a dezessete anos; um noviço de dez meses com uma saúde fraca e delicada não pôde fazer outra coisa que não fosse muito comum; mas a perfeita obediência é um grande segredo para agradar muito a Deus ainda no mais miúdo do estado religioso; e já se sabe que em agradar-lhe consiste a mais sublime virtude. Ainda que se obrassem as maiores maravilhas, ainda que se passasse toda a vida no exercício das mais assombrosas penitências, de nada servirá tudo isto se não se fizesse nisso a vontade de Deus. O mérito consiste em agradar-lhe; pois o que se governa pela obediência está seguro de que lhe agrada. O religioso tem a segurança de que faz o que quer Deus fazendo aquilo que lhe mandam os que o governam; mas, quando só se quer fazer o que é de nossa eleição; quando com artifícios, com lisonjas, com queixas ou por outros meios se obriga o superior a que nos mande fazer o que nós desejamos, então, diz Cassiano, quem se poderá lisonjear de que faz o que quer Deus? É verdade que alguns vivem muito tranquilos em favor de certa obediência ou submissão imaginária e vaga que consiste em conhecer que, se o superior quer usar de seu direito, nos obrigará a fazer todo o contrário do que queremos; e à capa desta ideia geral provisionalmente prossegue cada um fazendo o que quer. Será por certo grande consolo para um religioso morrer num lugar e numa ocupação que ele mesmo solicitou, quando o emprego e o lugar foram de nossa pretensão ou de nossos manhosos artifícios? Sentirá então muito consolo na hora da morte? O bem-aventurado Estanislau considerava como ordens de Deus as que recebia de seus superiores e as que lhe intimavam suas regras. Se trabalhava, se orava, era sempre por fazer a vontade de Deus. Este foi o caminho que tomou para ser Santo: tomamo-lo nós também?

Mas um dos meios de que o santo noviço se valeu para chegar a tão eminente santidade foi a terna devoção à santíssima Virgem. Pela especial e poderosa proteção desta Rainha dos Santos conservou-se naquela perfeita pureza, naquela grande inocência, naquela fervorosa devoção que em tão poucos anos o fez chegar a tão eminente santidade que por fim mereceu o público culto da Igreja. «A minha querida Mãe (dizia o Santo) devo todas as graças que tenho recebido de meu Deus, singularmente a de minha vocação à Companhia.» Não é menos mãe nossa a santíssima Virgem que o foi de Santo Estanislau; mas nós somos verdadeiros filhos seus? A esta pergunta há de responder nossa pureza, nossa humildade e a devoção que lhe professamos.

Concedei-me, Senhor, este desapego a tudo o criado, esta ânsia pelo céu, este desejo de agradar-vos e esta viva, filial e terna devoção a vossa santíssima Mãe. Estas três graças vos peço pela intercessão de vosso servo o bem-aventurado Estanislau.

Jaculatórias

Fazei, Senhor, que jamais perca de vista meu fim. (Sl 38.)

Virgem santíssima, mostrai que sois minha mãe, e que minhas obras me acreditem de filho vosso. (Eclo.)

Propósitos

1. Tendo sido criados para Deus, que impiedade, que desordem será entregar-nos às criaturas! Dedicamos todos os nossos desvelos, aplicamos todo o nosso discurso e consumimos nosso coração no serviço do mundo: quantos cuidados e fadigas nos custam os bens criados! Servimos ao mundo com tanta ânsia e com tanta exatidão como se não tivéssemos outro amo. Nascemos acaso para escravos seus? Não por certo. Só Deus é nosso soberano dono, e só Deus é a quem servimos tão mal. Convence-te de uma verdade tão importante, como que é o fundamento de nossa fé, e arruma a ela tua conduta. Não deixes, não cesses de dizer-te pela manhã, pela noite, a todas as horas: *Não estou neste mundo para os bens da terra, mas para os bens eternos. Vivo na terra como forasteiro e caminhante.* Tanto na abundância como na pobreza, tanto na prosperidade como na adversidade, repete continuamente: *Só a Deus conheço para servi-lo e para agradar-lhe: tudo o que não é Deus, ou não me serve para ir a Deus, é nada, e por nada o devo contar.*

2. Se és religioso, vive só para fazer a vontade de Deus. Nada hás de fazer nunca por tua eleição: olha a teus superiores como intérpretes da vontade de Deus; jamais queiras ter parte em seus destinos nem em seus empregos; depende em tudo da obediência, que é o segredo infalível para ser Santo. Ainda que ponham em tua mão a eleição do posto, do exercício, do emprego, deixa-te governar pela Providência; nenhuma coisa nos prejudica tanto como a própria vontade. Queres viver contente? Queres morrer consolado e sentir naquela hora os doces efeitos de uma inteira confiança na divina bondade? Pois depende em tudo da obediência e estarás seguro de fazer em

tudo a vontade de Deus. Mas sobretudo, professa sempre uma terna e singular devoção à santíssima Virgem. Não há sinal mais seguro de predestinação que a verdadeira devoção a esta Senhora; chama-a sempre tua querida Mãe; ama-a como a tal; serve-a com zelo, com fervor, e depois de Jesus Cristo põe toda a tua confiança na Mãe de Deus.

[^1]: *Cantus pessimis usibus vitiatos, melodiæ cognitione correxit.* (Santo Ildefonso, no lugar citado.) [Corrigiu com o conhecimento da melodia os cantos viciados por péssimos usos.]

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:41 by Admin
Updated 20 November 2026 20:54:41 by Admin